COMENTÁRIO DO CONCEITO DE TELEOLOGIA NO OPÚSCULO "SOBRE USO DE PRINCÍPIOS TELEOLÓGICOS NA FILOSOFIA" DE KANT

MATHEUS FELIPE DE OLIVEIRA NUNES

RESUMO
Este artigo tem como objeto principal analisar o conceito grego "teleologia" (que significa finalidade) no escrito "Opúsculo sobre o uso de princípios teleológicos na Filosofia", do filósofo alemão Immanuel Kant, escrito em 1788. Para isso, faz-se necessário analisar o Opúsculo, fazendo referência a outros textos do próprio Kant. Esse conceito tem origem na Filosofia antiga grega com o sentido de "finalidade". Com a modernidade, esse conceito passa por algumas mudanças até que o filósofo alemão Immanuel Kant aplica esse conceito à sua gnosiologia. Dessa forma, buscaremos entender como o filósofo usa esse conceito e qual sua relação com a teoria do conhecimento. Na introdução, busca-se definir o conceito de teleologia. No desenvolvimento do texto, analisa-se como Kant aplica o conceito de teleologia à sua filosofia. Por fim, faremos um resumo dos principais pontos do texto. Assim, será possível fazer uma a ligação da noção de tê-los no filósofo alemão com outras discussões filosóficas.

Palavras-chave: Kant; Teleologia; Opúsculo; Filosofia

Abstract
This article's main objective is to analyze the concept of teleology Kant's Booklet on the use of teleological principles in Philosophy, written in 1788. To do this, it is necessary to analyze the Booklet, making reference to other texts by Kant himself. This concept originates from ancient Greek philosophy with the meaning of "purpose". With modernity, this concept went through some changes until the German philosopher Immanuel Kant applied this concept to his gnosiology. In this way, we will seek to understand how the philosopher uses this concept and what its relationship is with the theory of knowledge. In the introduction, we seek to define the concept of teleology. In developing the text, we analyze how Kant applies the concept of teleology to his philosophy. Finally, we will summarize the main points of the text. Thus, it will be possible to link the notion of telos in the German philosopher with other philosophical discussions. Thus, it is possible to make a connection between the notion of telos in the German philosopher and other philosophical discussions.

Keywords: Kant; Teleology; Booklet; Philosophy

INTRODUÇÃO

Kant publicou um opúsculo intitulado "Sobre o uso de princípios teleológicos na Filosofia" na Revista Mercúrio em 1788, cujo objeto é a raça humana, mas o conceito que nos interessa aqui do referido opúsculo é o de teleologia. Esse conceito não aparece a primeira vez no filósofo alemão, mas é bem mais antigo, e tem sua origem nos gregos. Telelogia vem do termo grego "telos" e pode ser traduzido como finalidade. Apesar da teleologia (ou os princípios teleológicos) não ser o tema principal do opúsculo, o conceito aparece de forma específica: por meio do conceito de "raça", mais especificamente das raças humanas. O conceito de teleologia em Kant aparece de modo mais claro em sua Crítica da Faculdade de Julgar.
A Teleologia é definida como aquilo que trata "do fim derradeiro das coisas". Esse "fim derradeiro" é chamado também de causa final por Aristóteles. Segundo o filósofo grego, a pergunta pelo porquê da coisa é a pergunta pela causa, e, uma vez obtido o conhecimento da causa, há ciência, já que ciência é definida pelo Estagirista como conhecimento de causas.
Portanto, quando perguntamos pelo porquê de algo, isto é, pela sua causa, a resposta pode se dar de quatro modos: segundo sua causa material (de que uma coisa é feita), segundo sua causa formal (responde por aquilo que uma coisa é), segundo sua causa eficiente (por aquilo pelo que uma coisa é) ou segundo sua causa final (para que ou porquê uma coisa é). A última é a que nos interessa aqui. Por exemplo, qual a causa final na produção de um sapato? Sua causa final, ou seja, sua finalidade (o porquê é produzido) é ser vestido por alguém.
Georg Friedrich Meier, filósofo importante nas universidades alemãs na época de Kant, divide a teleologia em física e pneumática. A

teleologia física trata dos propósitos de Deus no mundo físico e corporal e pergunta pelo porquê da existência dos entes do mundo físico. A teleologia pneumática examina os propósitos divinos no mundo espiritual. Todavia, não foi Meier, mas Christian Wolff, filósofo racionalista leibniziano, o principal pensador a introduzir o conceito de teleologia na filosofia alemã, além de uma das grandes autoridades do século XVIII no meio acadêmico alemão. Segundo Márcio Pires, professor de filosofia:

"Se por natureza se entende o conjunto de tudo o que existe de modo determinado segundo leis, tomado o mundo (enquanto propriamente assim chamado natureza) juntamente com sua causa suprema, então se pode tentar a investigação da natureza por dois caminhos (que, no primeiro caso, se denomina física e, no segundo, metafísica), ou pelo caminho meramente teórico ou pelo caminho teleológico, pelo último caminho, porém, enquanto física, apenas empregando fins tais que nos possam ser conhecidos pela experiência, enquanto metafísica, ao contrário, de acordo com seu ofício, apenas empregando um fim estabelecido pela razão pura para seu propósito. Mostrei algures que na metafísica a razão não pode, a seu bel-prazer, alcançar toda sua intenção pela via teórica da natureza (em vista do conhecimento de Deus) e que, portanto, lhe resta tão somente a via teleológica; de maneira que, não os fins da natureza, os quais assentam apenas em argumentos da experiência, mas um fim dado a priori de modo determinado pela razão pura prática (na ideia do Sumo Bem) deve completar o que falta à teoria insuficiente' (Pires, Márcio – Trans/Form/Ação, Marília, v.36, n 1, Jan/Abril 2013, p. 215-216).

Desde os primórdios da humanidade, nossos ancestrais se depararam com a vastidão do cosmos e a intrincada organização da natureza. Intrigados por essa grandiosidade, questionaram se haveria um maestro por trás dessa sinfonia cósmica, um propósito divino que rege a ordem do universo. Essa busca por um significado transcendente deu origem às mitologias e visões teleológicas de mundo, onde deuses ou entidades sobrenaturais eram vistos como os arquitetos e regentes da existência.

No Ocidente, a filosofia teleológica encontrou em Platão e Aristóteles seus mais ilustres representantes. Platão, com sua Teoria das Formas Ideais, propôs a existência de um reino transcendente onde residem as formas perfeitas e imutáveis de todas as coisas. O mundo material, segundo ele, seria apenas um reflexo imperfeito dessas formas ideais, em constante busca por alcançar sua perfeição.
Já Aristóteles, afirmou que para todos os fenômenos que ocorrem existem quatro causas: material, formal, eficiente e final. Assim, o filósofo, introduz o conceito de "causa final", defendendo que cada ser possui um propósito inerente, um objetivo final que direciona sua existência e desenvolvimento. Com Aristóteles, a noção de finalidade também tem repercussões na filosofia escolástica da Igreja Católica, de base aristotélica. Os escolásticos, como Tomás de Aquino, afirmam que tudo na natureza, tem uma finalidade, determinada por Deus, criador do Universo.
Mas, e na modernidade? Qual a importância do conceito de finalidade? É a mesma importância da Antiguidade e da Idade Média? É o que veremos a seguir.

CONCEITO DE TELEOLOGIA NA MODERNIDADE

O conceito de teleologia na modernidade tem como ponto de partida o filósofo cientista e matemático Rene Descartes, fundador do método cartesiano.
Segundo o Descartes, um corpo só pode atuar sobre o outro enquanto o toca, isto é, só há causalidade eficiente. Aqui vemos uma forte diferença com a física aristotélica: em Aristóteles, as coisas têm uma finalidade, ou seja, um "para algo", ou aquilo que chamamos de um telos (finalidade). É isso que chamamos de teleologia aristotélica ou finalismo aristotélico. Descartes vai no sentido oposto: só concebe possibilidade de ação entre dois corpos pelo contato, e é isso que chamamos de mecanicismo: o universo é uma série de engrenagens. Mas a física cartesiana não é só isso. Para uma física ainda falta um ponto: o tempo. Sem o tempo, não há movimento, aceleração, velocidade. Nesse universo puramente geométrico, Deus faz com que as coisas se movam, colocando esses corpos em movimento e fazendo com que esse movimento se mantenha constante, e a necessidade dessa lei é funda-

da por Deus. O filósofo francês faz na física exatamente o que fez na metafísica: parte do sujeito, mas, em última instância, esse sujeito está apoiado em algo que o transcende: Deus. Descartes introduziu uma nova física contra a física aristotélica.

Na física aristotélica, cada corpo tem uma natureza específica (diferenças qualitativas, não apenas quantitativas) e esses corpos se comportam de acordo com essa natureza específica, ou seja, o universo é orgânico e finalista). Descartes elimina o finalismo: o universo é mecânico. O finalismo é eliminado e o universo é concebido como algo puramente quantitativo.

Podemos notar algo em comum em Descartes e Aristóteles aqui também: os dois aceitam o conceito clássico de ciência, ou seja, a ciência é conhecimento do universal e necessário (e não do particular e contingente). Descartes ainda introduziu uma novidade em sua física: o famoso princípio de inércia, e o objeto da física passa a ser a relação entre as coisas.

A separação radical cartesiana, também chamada de "dualismo alma e corpo" foi abordada por outros modernos. Se as duas substâncias são totalmente distintas como se comunicam? Já que há uma relação intrínseca entre essas duas substâncias. Berkeley responde com uma solução espiritualista:

A alma é o que existe e o corpo é produto dela. La Mettrie responde de maneira oposta e dá uma solução materialista: O corpo é o que existe e a alma é produto dele. Spinoza propõe o panteísmo como solução: a alma e corpo são modos diferentes que as coisas aparecem, mas só há uma substância: Deus ou Natureza (que são a mesma coisa). Leibniz propõe como solução a harmonia preestabelecida. Malebranche propõe uma solução ocasionalista: Deus permanentemente cria a alma e corpo e os coloca em relação. Hume diz que esse problema não é real, já que o conceito de substância nem é um conceito legítimo, e que a relação causal entre as substâncias não é racionalmente necessária, isto é, a relação de causalidade só é vista como necessária pelos homens porque inferimos isso por um hábito psicológico, já que sempre que vemos um efeito, vemos uma causa, e achamos que isso tende a se repetir por uma inferência psicológica.

Descartes responde de maneira bem controversa: a glândula pineal, também chamada de "sede da alma" faz a ligação entre alma e corpo, por isso as duas substâncias conseguem se comunicar.

É evidente que o cartesianismo deixou lacunas para certos problemas e os deixou com resposta controversa. A alma é reduzida à função de pensar, por isso, os animais não têm alma e são puras máquinas. O homem é uma "máquina que pensa". Aqui é descartada a solução orgânica de uma tripartição da alma aristotélico-tomista em alma vegetativa, sensitiva e racional. Ter alma é pensar, já que a alma é uma substância pensante e é totalmente distinta da substância extensa, enquanto no aristotelismo, no caso do homem, a alma é a forma do corpo (que é matéria): uma solução não dualista, já que só posso conceber matéria sem forma ou forma sem matéria apenas abstratamente e conceitualmente, mas não realmente

Outra lacuna do cartesianismo está presente em sua física. O racionalismo parte do princípio que todo conhecimento é a priori, ou seja, se funda no entendimento ou razão: nenhum conhecimento se funda na experiência. Ora, então como podemos explicar o princípio de gravitação universal na física? Já que o conceito de massa é obtido pelo tato, e Descartes defende que nenhum conhecimento pode ser obtido pela experiência, e a função máxima da experiência, é de "auxiliar" o entendimento junto com a memória e a imaginação.

Certamente esse problema relacionado ao princípio de gravitação universal é um problema que a física cartesiana e a física leibniziana respondem de maneira diferente, e a física newtoniana teve mais facilidade em responder já que tem como pressuposto o tempo absoluto, o espaço absoluto e a validade do princípio causal. Apesar da importância desse tema, seria impossível trata-lo nessa dissertação. Basta dizer que a resposta da física newtoniana foi a mais coerente, tanto que é a física estudada nas escolas até hoje no mundo.

A física moderna descartou a causa final de suas investigações deixando maior espaço para a causa eficiente. Desde o século XVII, a explicação segundo causas mecânicas (o chamado mecanicismo) se popularizou com Descartes, Boyle, etc. A causa final foi delegada à teologia e à moral, não sendo mais consi-

derada um objeto científico.
Portanto, Descartes e a física cartesiana, deixam a noção de teleologia de lado, dando maior importância à noção de causalidade. E é essa concepção que irá influenciar a ciência e a filosofia modernas.

O CONCEITO DE TELEOLOGIA EM KANT
Ora, o fato de Kant dar grande atenção à teleologia, não significa que irá se contrapor à ciência de seu tempo.
A causalidade mecânica e a causalidade final possuem perspectivas distintas: a primeira possui perspectiva epistemológica, por isso, Kant dá maior ênfase na Crítica da Razão Pura, enquanto a segunda possui uma perspectiva mais estética e biológica, e aparece de modo mais enfático na Crítica da Faculdade de Julgar. Para cada uma das duas causas, o filósofo dá um tratamento específico. Segundo Sérgio Isidoro de Souza:

"A Metodologia tem como questão principal a passagem à construção ou sistematização da ciência. Para a matemática e a física mecânica a construção é o seu método, para a filosofia, ao contrário, a construção não é possível, pois seus conceitos são oriundos da razão, daí a Metodologia Transcendental da razão pura ter como meta a investigação sobre o sistema da razão pura. A Metodologia da faculdade de juízo teleológico não escapa a essa questão, é por esse motivo que Kant se pergunta pela localização da teleologia nas ciências. A teleologia não produz ciência objetiva, no máximo uma crítica da faculdade e da passagem entre as duas partes da filosofia, ou seja, a teleologia produz conhecimento das nossas capacidades e da articulação do sistema. Ela ainda é essencial à descrição e história da natureza" (Souza, Sergio Izidoro de – Organismo como finalidade segundo Kant ; orientador Maurício Cardoso Keinert – São Paulo, 2017, p.89).

No âmbito da investigação da natureza (physis), a investigação pode se dar segundo a física e segundo a metafísica, e a investigação pode se dar pela via teórica ou pela via teleológica. Na via teleológica que é a que nos interessa, o caminho da investigação da física se dá pelos fins que podem ser conhecidos por meio da experiência (fins que são impostos à experiência pela razão), enquanto o caminho da investigação metafísica se dá por fins estabelecidos pela razão, isto é, o âmbito apriorístico.
Pela experiência, apenas conheço fatos. Por exemplo, quando vejo uma parede azul, o conhecimento dado pela experiência é do fato contingente de que a parede é azul. Em outras palavras, a experiência não me dá o conhecimento que a parede é azul e não pode não ser azul, isto é, me dá conhecimentos particulares e contingentes, mas não me dá conhecimentos universais (algo que se aplica a todos os particulares) e necessários (algo é e não pode não ser). Esses só podem ser dados a priori. Portanto, na Crítica da Razão pura temos o predomínio da investigação da causalidade mecânica, enquanto na Crítica da Faculdade de Julgar temos o predomínio da investigação a respeito da causalidade final. Segundo o professor Márcio Pires:

"Em toda investigação da natureza a razão apela, com direito, primeiramente à teoria e, só depois, à determinação do fim. Nem a teleologia, nem a conformidade a fim prática pode reparar a falta da primeira. Ainda que possamos tornar assim tão manifesta a exatidão de nossa pressuposição a causas finais, sejam elas da natureza ou de nossa vontade, nós permanecemos sempre ignorantes relativamente às causas atuantes. Antes de tudo, essa demanda parece estar fundada lá onde (como naquele caso metafísico) devem mesmo preceder leis práticas para, primeiramente, indicar o fim em função do qual pretendo estipular o conceito de uma causa, o qual, de tal modo, em absolutamente nada diz respeito à natureza do objeto, parece [160], porém, ser simplesmente uma ocupação com nossas próprias intenções e necessidades (Pires, Márcio – Trans/Form/Ação, Marília, v.36, n 1, Jan/Abril 2013, p. 216)

De acordo com o que foi dito, uma parte do meu conhecimento da natureza, a parte material, provém da própria natureza e posso obtê-la por via da experiência (ou seja, a posteriori), enquanto outra parte do meu conhecimento da natureza, a parte formalizadora do meu conhecimento empírico, só pode ser dada a priori. Isso significa que, enquanto há a garantia de um conhecimento a priori (universal e necessário), o que é algo positivo do

ponto de vista cognitivo, também, por um lado há um problema epistemológico colocado por Kant, que posteriormente Hegel tentará resolver: a impossibilidade de que possamos conhecer a coisa em si. Ou seja, só conhecemos o fenômeno ou "aquilo que me aparece". O que está "por trás" do fenômeno, não é cognoscível para mim. Núria Sanchez Madrid nota que:

"Los fines tienen una clara relación con la Razón, ya sea ajena, ya sea la nuestra. Sólo que también para ponerlos en una Razón ajena tenemos que disponer la nuestra como fundamento, al menos como un análogo de la misma, porque sin ésta aquellos no pueden representarse en absoluto. Ahora bien, los fines son o bien fines de la naturaleza, o bien de la libertad. El que tenga que haber fines en la naturaleza no puede inteligirlo ningún hombre a priori; por contra, él puede muy bien inteligir a priori que tiene que haber en la naturaleza una conexión de las causas y los efectos" (Introducción e traducion de Nuria Sanchez Madrid de la obra "Sobre el uso de princípios teleologicos en la filosofia", de Immanuel Kant LOGOS. Anales del Seminario de Metafísica Vol. 37 (2004), p. 29)

Se considerarmos a natureza como formadora em completa liberdade, não seria uma referência à geração espontânea, mas à epigênese. Mas se considerarmos a natureza como desenvolvendo pré determinadamente a variedade através de disposições originais, será preciso que pensemos em outra forma de explicação do ser organizado: conjugando o trabalho da natureza com o trabalho das pré determinações das disposições originais (nas quais deve encontrar uma conformidade afim). Em outras palavras, isso significa que é necessário conjugar a causalidade mecânica ou a mecanicidade da natureza com a causalidade final (princípios teleológicos). Conjugar mecanicidade e finalidade é possível? A ciência moderna, como dissemos num parágrafo anterior, separou totalmente as duas, e delegou a finalidade ou teleologia para o âmbito das discussões teológicas e morais, deixando apenas a causalidade mecânica para as discussões científicas.
E mais, na ciência mais contemporânea, alguns foram até mais radicais em dizer que só há causas eficientes e não há causas finais. Para um naturalista, isso seria voltar às ideias medievais de ciência. Em "Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita", o filósofo assim como no Opúsculo, também defende que devemos considerar tanto a causalidade mecânica quanto à final, cada uma no âmbito que lhe pertence. Madrid diz noutra passagem que:

"Por consiguiente, el uso del principio teleológico en punto a la naturaleza está siempre condicionado empíricamente. Esto mismo ocurriría precisamente con los fines de la libertad, si a ésta tuvieran que serle previamente dados como fundamento de determinación los objetos del querer mediante la naturaleza (como necesidades e inclinaciones), para determinar mediante la Razón y solamente por medio de la comparación mutua de los mismos y con su suma aquello que convertimos en fin para nosotros.
Sin embargo, la Crítica de la Razón práctica indica que hay principios prácticos puros mediante los cuales la Razón es determinada a priori y que proporcionan, por tanto, a priori el fin de la misma. Por lo tanto, si el uso del principio teleológico para explicaciones de la naturaleza, puesto que está restringido a condiciones empíricas, no puede proporcionar nunca por completo, ni de manera suficientemente determinada para todos los fines, el fundamento originario del enlace final, esto, sin embargo, sí tiene que esperarse de una doctrina pura de los fines (que no puede ser otra que la de la libertad), cuyo principio a priori contiene la relación de la Razón en general con el conjunto de todos los fines y que sólo puede ser práctica"((Introducción e traducion de Nuria Sanchez Madrid de la obra "Sobre el uso de princípios teleologicos en la filosofia", de Immanuel Kant LOGOS. Anales del Seminario de Metafísica Vol. 37 (2004), p. 29)

Kant nomeia a epigênese como pré-formação genérica, ou seja, a epigênese tomada em sua mecanicidade. Se tomarmos a epigênese em si, isto é, sem disposições originais com as pré determinações que as caracterizam e voltadas para um fim, a epigênese nada nos explicaria.
As disposições contem pré determinações finalísticas. Portanto, finalidade deve ser pen-

sada e imposta pela razão em favor do sujeito: eu preciso me organizar em meio à multiplicidade contida na natureza, ou seja, a finalidade é pensada para o próprio sujeito e por uma necessidade da razão humana, e, portanto, não é pensada e importa por Deus, como em Wolff, já que a existência de Deus não pode ser provada. Se não adquiro as coisas por mim, é como se elas não fossem necessárias para mim: devo descobri-las em mim por mim mesmo.

Em relação às categorias, por exemplo, Kant não defende a tese inatista, isto é, que Deus colocou em nós essas categorias, mas defende que tenho as categorias em minha subjetividade e posso descobrir por mim mesmo.

No texto sobre as raças humanas de 1775, Kant explora o conceito de "Ideia do Todo", que é a responsável por dizer até onde vai o sistema e qual o lugar de cada uma de suas partes componentes. Essa ideia do todo é uma ideia da razão, e portanto, é finalística: diz o para onde e para que determinado todo está voltado. A razão atribui finalidade ao todo: dá o fim em direção ao qual o todo caminha.

Kant diz na Crítica da Razão Pura que fora do plano do juízo determinante (aquele que explica o ponto de vista da subjetividade do ser humano) temos a ideia, que é um conceito da razão.

As ideias, que são os conceitos típicos da razão, não encontram nada referente a elas na experiência: a ideia ultrapassa totalmente o domínio da experiência. Isso não se dá da mesma forma com os conceitos do entendimento, que só tem sentido quando se voltam à experiência.

Mas como são possíveis as "pseudo-ciências" como a Metafísica, a Teologia, a Psicologia etc? Essas áreas do conhecimento estão fundadas em ideias, ou seja, têm representações que não tem o seu objeto dado na experiência, e portanto, se voltam para algo que não é sensível.

Se pensamos a ideia do todo e a completude, conseguimos pensar o divino, o suprassensível, a liberdade, a imortalidade da alma etc. como coisas existentes e como finalidade (no caso do divino) para qual as coisas caminham e essa completude, segundo Kant, é visada pela razão.

CONCLUSÃO

A razão tem uma necessidade de uma resposta completa, uma explicação total e por isso busca o que pode satisfazê-la, e assim temos a ideia de Deus como ponto inicial, ponto final, e a finalidade de todo o mundo. Todavia, como dissemos anteriormente, Kant afasta a investigação a respeito do divino do âmbito da causalidade mecânica. A razão não pensa apenas de acordo com aquilo pelo que a experiência nos dá, mas ao contrário, pensa muito além dela. Por isso, Kant diz que pensar Deus é necessário para nós. Por isso, o princípio teleológico é o princípio da conformidade afim, tanto no âmbito da Biologia, como no âmbito da Estética.

O homem, com objetivo de satisfazer a razão, supõe que exista um Ser superior, uma Razão suprema, que dê a finalidade em direção a qual as coisas chegariam. Kant distingue o uso constitutivo e o uso regulativo das ideias.

No domínio da experiência só consigo encontrar o que virá e o que veio antes, o que é uma causalidade limitadora. Os fatos que a experiência me dá não me fazem inferir uma conexão necessária entre a causa e o efeito, a causalidade, como notou Kant na tábua das categorias nos é dada a priori.

Portanto, o conhecimento se dá por uma união de intuição (sensibilidade) e entendimento (razão). A primeira conhece as coisas contingentes pela experiência sensível, enquanto o segundo apreende conceitos universais e imutáveis por meio de operações mentais.

Dessa forma, o conhecimento humano pode se dar a priori ou a posteriori, dependendo do objeto de conhecimento. A matemática por exemplo é conhecida puramente a priori, enquanto a Física se dá parte a priori e parte a posteriori. Já a História e seus conhecimentos são completamente a posteriori.

O entendimento pensa o que aparece para ele (o chamado "conteúdo bruto"). As ideias se voltam para a faculdade do juízo para que ele pense reflexivamente a partir dos objetos da natureza. Ou seja, as ideias não se voltam para o entendimento exigindo que ele encontre algo equivalente na experiência. Através do juízo, o entendimento refere-se imediatamente aos objetos.

Conclui-se que a teleologia, assim como outros conceitos metafísicos e teológicos, são,

portanto, ideias pensadas pela razão pela necessidade do homem de satisfazer a própria razão: essas ideias não tem um correspondente dado pela experiência.
Assim, Kant consegue manter a causalidade mecânica no âmbito da ciência moderna, e mesmo assim, pensar a causalidade final, mas colocando cada uma em seu âmbito próprio, sem que se misturem.

BIBLIOGRAFIA

PIRES, MÁRCIO – TRANS/FORM/AÇÃO, MARÍLIA, V.36, N 1, JAN/ABRIL 2013
SOUZA, SERGIO ISIDORO DE – ORGANISMO COMO FINALIDADE SEGUNDO KANT ; ORIENTADOR MAURÍCIO CARDOSO KEINERT – SÃO PAULO, 2017

INTRODUCCIÓN E TRADUCIÓN DE NURIA SANCHEZ MADRID DE LA OBRA "SOBRE EL USO DE PRINCIPIOS TELEOLOGICOS EN LA FILOSOFIA", DE IMMANUEL KANT, LOGOS. ANALES DEL SEMINARIO DE METAFISICA VOL. 37 (2004)